

A PASSAGEM DO TEMPO EM “O TURCO”, DE DARCY BRASIL

Aline de Souza Pereira

Darcy Moura Brasil, um escritor tricordiano, nasceu em 5 de maio de 1916. Em meados de 1930 segue para Campanha, onde passa a freqüentar o seminário Nossa Senhora das Dores. Acabou se desentendendo com o reitor e abandonou o seminário. Aos dezesseis anos se alista na polícia e faz parte da Revolução Constitucionalista. Em 1932 vai para o exército. Em 1941 sai do exército e passa para a aeronáutica. Em 1958 passa para a reserva como primeiro tenente. Casado por duas vezes: a primeira com Rogelina Sinqueira e a segunda com a professora Clotilde Iemini de Rezende. Darcy foi o primeiro diretor de nossa Biblioteca Municipal, que hoje leva o seu nome. Além disso, escreveu também centenas de artigos como jornalista e o Hino de Três Corações. Darcy Moura Brasil faleceu em 19 de Julho de 1983.

Como poeta e cronista, escreveu quatro livros: *Poeira da estrada* (1975), *Aindareia* (1981), *Cinzas* (1982) e *Historias de Três Corações para as crianças* (1983). Destacarei aqui a crônica “O turco”, de seu livro *Poeira da estrada*. Nesse texto o autor narra as transformações de Três Corações, exalta a riqueza e a beleza destas terras e faz uma descrição rica em detalhes, uma espécie de fotografia do cenário.

A crônica começa com a citação dos pioneiros de origem árabe que vieram para Três Corações. Segundo o historiador Benefredo de Sousa foram José Francisco Farah, Nicolau Daher, Miguel Aida e Mané Turco. No decorrer da narração o autor joga com a pessoa verbal, ou seja, a crônica varia entre a segunda e terceira pessoa. Ele utiliza o pronome “tu” para caracterizar qualquer turco, não um único indivíduo em especial. Mas estes dados estão implícitos no texto, é através desse jogo que o narrador descreve o cheiro das amoras, os pios dos pássaros, o chão coberto de folhas, ou seja, a paisagem que os “turcos” encontraram ao chegar a esta região. Com a chegada dos turcos, muitas transformações aconteceram. “Um trilho de atalho na clara manhã. Na grande inverno os bois a mugir e araras berrantes fazendo algazarra. Latido de cães: sinal de morada, de casas de gente”. (BRASIL, 1975, 9) Aqui o autor, em poucas palavras, narra o processo de modernização de Três Corações, do qual os turcos fizeram parte. Pouco a frente, a crônica diz: “Senhor da fazenda aguardava notícias do mundo que é grande e maior que o sertão”.

O autor faz uma relação entre os turcos e o comércio. Pois o “Senhor da fazenda” sabia o que se passava no mundo através dos turcos que viajavam e traziam notícias do que estava acontecendo.

Ao detalhar para o leitor o cheiro, os sons e as impressões dos “turcos” que primeiro chegaram a Três Corações, a crônica, mesmo utilizando os objetos da história, deixa de ser um texto

histórico e passa a ser um texto memorialístico. Fala do passado, mas de uma maneira própria. A história é geralmente uma narração do passado que busca ser objetiva: quem a escreve quer afastar do texto suas idéias e pontos de vista pessoais. O texto memorialístico é interpretativo e abertamente subjetivo, ele utiliza material fornecido pela história (por exemplo, a referência que se faz a Benefredo de Sousa e aos pioneiros de origem árabe) de modo mais livre. O autor escreve dando um tratamento lírico ao seu objeto, que é recriado com ritmo e vida, como no exemplo abaixo: “As nuvens enormes têm gosto de sangue. Vermelhas. Maduras. Não brancas, escuras.” (BRASIL, 1975, 9)

Esse caráter subjetivo, no entanto, não significa que o texto trata apenas das lembranças individuais do autor ou da personagem. Esse turco ao qual ele se refere é qualquer um, não é uma personagem específica da história da cidade. Na crônica acontece o que é típico do texto memorialístico: a reconstrução do passado, que é moldado a partir do presente; a lembrança íntima do indivíduo se mistura com o passado dos grupos com quem ele se relaciona ou se relacionou. O passado, ali, é dos turcos e de toda a comunidade tricordiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Darcy Moura. *Poeira da estrada*. Pouso Alegre, 1975.

ARRIGUCI, David. *Móbile da Memória. Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.